Lição 8: Os Intemperantes São Piores que os Incontinentes

> *Ora, o intemperante, como se disse, não é dado ao arrependimento, pois permanece na eleição; o incontinente, porém, é todo dado ao arrependimento. Por isso não se dá como duvidamos, mas este é incurável, aquele, porém, é curável. [1422]*
>
> *Ora, a malícia assemelha-se às doenças, como a hidropisia e a tísica, mas a incontinência aos epilépticos; pois aquela é uma malícia contínua, esta, porém, não contínua. [1424]*
>
> *E, de todo modo, é outro o gênero da incontinência e da malícia; pois a malícia está oculta, mas a incontinência não está oculta. [1425]*
>
> *Ora, dentre estes mesmos, os precipitados são melhores do que os fracos que possuem, é verdade, a razão, mas não permanecem nela. Pois estes são vencidos por uma paixão menor; e não agem sem prévia deliberação, como os outros. Com efeito, o incontinente é semelhante àqueles que se embriagam rapidamente e com pouco vinho e com menos do que a maioria. [1426]*
>
> *Portanto, que a incontinência não é malícia, é manifesto; mas talvez o seja sob certo aspecto, pois uma se dá à margem da escolha, ao passo que a outra se dá segundo a escolha. [1428]*
>
> *Além disso, há também certa semelhança quanto às ações, como aquilo que Dímodoco disse aos milésios: os milésios não são estultos, mas fazem coisas tais quais fazem os estultos; assim também os incontinentes não são injustos, mas fazem coisas injustas. [1429]*
>
> *Ora, este é de tal natureza que não persegue as delícias corporais que estão segundo a superabundância e à margem da razão reta por estar persuadido disso, ao passo que aquele está persuadido de que se deve ser tal a ponto de persegui-las. Aquele, pois, é facilmente demovido, mas este não. Com efeito, a*

> *virtude e a malícia, no que toca ao princípio, uma o corrompe, a outra o salva; e nas ações o princípio é aquilo em vista do qual algo se faz, assim como nas matemáticas o são os pressupostos. E nem lá a razão é mestra dos princípios, nem aqui, mas sim a virtude, seja natural, seja adquirida pelo hábito, que consiste em opinar retamente acerca do princípio. O temperante, portanto, é tal; o intemperante, ao contrário. [1430]*
>
> *Há, porém, alguém que por causa da paixão é precipitado à margem da razão reta, o qual a paixão vence de modo que não aja segundo a razão reta, mas não o vence a ponto de ser tal que esteja persuadido de que se devem perseguir tais delícias sem impedimento. Este é o incontinente, melhor do que o intemperante e não perverso absolutamente; pois nele se salva o princípio ótimo. Outro, porém, é o contrário, que permanece firme e não é precipitado por causa da paixão. É manifesto, pois, a partir disso, que uma disposição é do homem sério e a outra do perverso. [1433]*

1422. ***Ora, o intemperante*** etc. Depois que o Filósofo mostrou a diferença entre o incontinente e o intemperante, aqui mostra qual deles é pior, com o que se resolve a dúvida proposta acima no quinto lugar contra o primeiro ponto provável; Aristóteles já havia dito isto acima, mas de modo breve e tocando no assunto por incidência, ao passo que aqui o determina mais perfeitamente a partir da intenção principal. E acerca disto faz duas coisas:

primeiro, mostra o proposto;

segundo, esclarece algo que havia proposto, em: ***ora, este é de tal natureza*** etc.

Acerca da primeira, faz duas coisas:

primeiro, mostra que o intemperante é pior do que o incontinente;

segundo, mostra a semelhança entre eles, em: ***portanto, que a incontinência*** etc.

Acerca da primeira, faz duas coisas:

primeiro, compara o incontinente com o intemperante;

segundo, compara entre si as duas espécies de incontinência, em: ***ora, dentre estes*** etc.

Acerca da primeira, apresenta três razões pelas quais se mostra que o intemperante é pior do que o incontinente.

1423. Quanto à primeira delas, diz que, como se disse acima, o intemperante não é dado ao arrependimento, porque peca por escolha, na qual permanece, pelo fato de escolher as delícias corporais como fim; ao passo que todo incontinente facilmente se arrepende, cessada a paixão pela qual era vencido. Donde é claro que, como se disse acima, o intemperante é incurável, mas

este, a saber, o incontinente, é curável. E assim, por eliminação, resolve-se a dúvida posta acima, que procedia de que o incontinente fosse mais incurável do que o intemperante. Ora, porque o intemperante é mais incurável, pode-se concluir que é pior, assim como também a doença corporal que é incurável é mais grave.

1424. A segunda razão apresenta em: ***ora, assemelha-se*** etc. E diz que a malícia, isto é, a intemperança, assemelha-se àquelas enfermidades que continuamente estão presentes no homem, como a hidropisia e a tísica, ao passo que a incontinência se assemelha às enfermidades que não continuamente invadem o homem, como a epilepsia; e isto porque a intemperança e qualquer malícia é contínua (pois tem um hábito permanente pelo qual escolhe os males), mas a incontinência não é contínua, porque o incontinente só é movido a pecar por causa da paixão, que rapidamente passa, e assim a incontinência é como que uma certa malícia não contínua. Ora, o mal contínuo é pior do que o não contínuo. Logo, a intemperança é pior do que a incontinência.

1425. A terceira razão apresenta em: ***e em geral*** etc. E diz que outro é o gênero da incontinência e o da malícia, sob a qual se contém a intemperança; pois a malícia permanece oculta, a saber, àquele em quem está, o qual está enganado a ponto de estimar como bom aquilo que faz, mas a incontinência não permanece oculta àquele em quem está, pois este sabe pela razão que é mau aquilo ao qual é levado pela paixão. Ora, o mal oculto é mais perigoso e mais incurável. Logo, a intemperança é pior do que a incontinência.

1426. A seguir, quando diz: ***ora, dentre estes*** etc., compara entre si as espécies de incontinência. E diz que, entre os incontinentes, os melhores, isto é, os menos maus, são os precipitados, isto é, os impetuosos, do que os fracos, que possuem, é verdade, a razão que delibera, mas não permanecem nela.

Por dupla razão os fracos são piores:

primeiro, porque são vencidos por uma paixão menor, pois os impetuosos são vencidos por uma paixão que excede seja segundo a rapidez, seja segundo a veemência (e segundo esta razão provou acima que o intemperante é pior do que o incontinente; a qual pode ser uma quarta razão acrescentada às três precedentes);

a segunda razão é que os fracos não agem sem prévia deliberação, como os outros, isto é, os impetuosos (e esta razão foi aduzida acima a respeito do incontinente e do intemperante, como se o incontinente fosse aquele que delibera previamente, mas não o intemperante; isto, porém, é falso, porque também o intemperante delibera previamente, pois peca por escolha, e por isso parece aduzir isto aqui para mostrar que ali não tem cabimento).

1427. E apresenta um certo exemplo, dizendo que o incontinente fraco é semelhante àqueles que rapidamente, isto é, facilmente, se embriagam e com pouco vinho e com menos do que a maioria; e assim como estes estão pior dispostos quanto ao corpo, assim também os fracos, que são vencidos por uma paixão menor, são piores quanto à alma.

1428. A seguir, quando diz: ***portanto, que a incontinência*** etc., mostra a concordância do incontinente com o intemperante quanto a dois pontos.

Primeiro, quanto a isto: que a incontinência, ainda que não seja malícia absolutamente, é contudo malícia sob certo aspecto, como se disse acima que é como que uma malícia não contínua; e que não seja malícia absolutamente, é claro, porque o incontinente peca à margem da escolha, ao passo que a malícia peca com escolha.

1429. A segunda concordância apresenta em: ***além disso*** etc. E diz que a incontinência e a malícia têm semelhança na ação, como certo Dímodoco, isto é, censor do povo, disse aos milésios, repreendendo-os: *os milésios não são estultos, mas fazem obras semelhantes às obras dos estultos* ; do mesmo modo também os incontinentes não são maus, nem injustos, nem intemperantes, mas fazem obras injustas e más.

1430. A seguir, quando diz: ***ora, este é de tal natureza*** etc., dá a razão daquilo que dissera acima, a saber, por que o intemperante não se arrepende como o incontinente.

E primeiro dá a razão de por que o intemperante não se arrepende;

segundo, por que o incontinente se arrepende, em: ***há, porém, alguém*** etc.

Diz, pois, primeiro que há alguém que persegue de modo superabundante e à margem da ordem da razão reta as delícias corporais, não porque esteja de tal modo disposto que esteja persuadido de que tais delícias devam ser buscadas como boas, e este é o incontinente; outro, porém, a saber, o intemperante, é aquele que está persuadido de que tais delícias devem ser escolhidas como boas por si, e isto por causa da disposição que tem a partir do hábito. Donde aquele a quem não está persuadido, por disposição habitual, que as delícias sejam boas por si, mas só a partir da paixão, a saber, o incontinente, embora tenha estimação falsa acerca delas no particular, facilmente recua de sua convicção, cessada a paixão; ao passo que aquele que, por disposição habitual, estima que as delícias corporais devam ser escolhidas por si, a saber, o intemperante, não recua facilmente de sua convicção.

1431. E consequentemente dá a razão disto, dizendo que a virtude e a malícia dizem respeito ao princípio das coisas operáveis, o qual a malícia corrompe e a virtude salva; ora, o princípio nas ações é o fim em vista do qual algo se faz, o qual se comporta nas coisas agíveis como os pressupostos, isto é, os primeiros princípios nas demonstrações matemáticas. Pois, assim como nas matemáticas os princípios não se ensinam pela razão, mas, logo que entendidos, são cridos, assim também nas coisas agíveis os fins não se ensinam pela razão, mas pelo hábito da virtude, seja natural, seja adquirida pelo costume, consegue-se a reta estimação acerca do princípio das coisas agíveis, que é o fim.

1432. Portanto, aquele que tem a reta estimação acerca do fim no tocante às delícias corporais, de modo a estimar como bom e como fim o meio-termo nelas, e como mau as superabundâncias, é o temperante; ao passo que aquele que tem a estimação contrária por causa do hábito da malícia é o intemperante. Ora, é manifesto que aquele que erra acerca dos princípios não pode facilmente ser demovido do erro, porque não se encontra razão que ensine o princípio; donde o intemperante, que erra acerca do princípio nas coisas agíveis, não pode ser demovido de seu erro por nenhuma persuasão e por isso não é demovível nem dado ao arrependimento, a não ser talvez na medida em que, por um longo costume contrário, se remove o hábito causador do erro.

1433. A seguir, quando diz: ***há, porém, alguém*** etc., mostra de que modo o incontinente é demovível e dado ao arrependimento. E diz que há algum homem que, por causa da paixão, excede a razão reta quanto a isto: que a paixão o vence de modo que não aja segundo a razão reta, mas não o vence a ponto de estar persuadido de que se devam perseguir as delícias corporais como boas por si, sem impedimento algum, e por isso tal homem, cessada a paixão que rapidamente passa, permanece na reta estimação do fim. E este é o incontinente, o qual, por isso, é melhor do que o intemperante e não é perverso absolutamente, porque nele se salva o princípio ótimo, a saber, a reta estimação do fim; é, porém, perverso sob certo aspecto, na medida em que, em algo particular, estima que se deva agir à margem da razão reta. Outro, porém, a saber, o continente, é o contrário do incontinente, o qual permanece na razão reta e de modo algum a excede por causa da paixão, mesmo quanto ao agir.

1434. Do que é manifesto que a continência é um bom hábito, porque permanece na razão, ao passo que a incontinência é um hábito perverso, porque recua da razão reta no agir; e este era o primeiro ponto provável, que agora conclui, resolvida a quinta dúvida que contra ele se propunha.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:06:50 by Admin
Updated 17 October 2026 12:27:36 by Admin